

## ÁREA DE OPERAÇÕES INDUSTRIAIS 2 - AO2

### GERÊNCIA SETORIAL DE PAPEL E CELULOSE

Data: 22/12/95

No.7

#### PAPEL DE EMBALAGEM

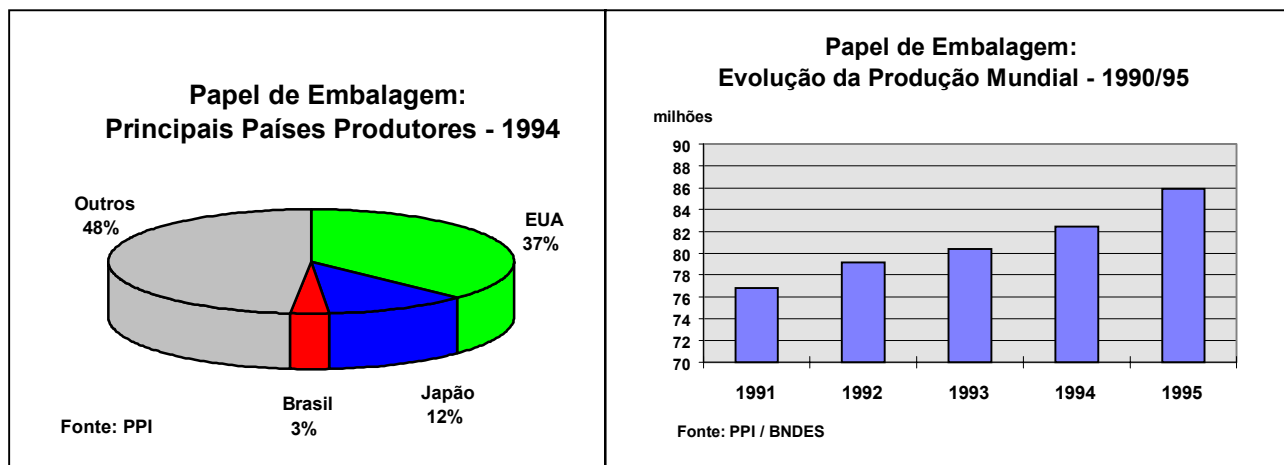
Este segmento do setor de papel e celulose representa cerca de 30% da produção e consumo mundiais de papéis. Compreendendo uma grande variedade de tipos, esses papéis são utilizados, preponderantemente, para a confecção de caixas de papelão e de sacos multifolhados. É intenso o uso de fibra reciclada como matéria-prima principal e este fato tem sido ressaltado pelos produtores, na busca de recuperação da fatia de mercado perdida para embalagens de outros materiais de menor custo, principalmente daqueles oriundos de produtos petroquímicos. As perspectivas de mercado são favoráveis, estando fortemente correlacionadas com o crescimento econômico mundial. O Brasil é o 8º produtor mundial de papéis de embalagem e o 4º exportador do tipo *kraftliner* (usado para caixas). As exportações brasileiras vêm diminuindo a cada ano, como reflexo do aumento do consumo interno verificado pós Plano Real. Para 1995 a demanda nacional deverá registrar novo crescimento (5%), alcançando o patamar de 2,15 milhões de toneladas.

#### MERCADO INTERNACIONAL

##### Produção Mundial

Este é o tipo de papel mais fabricado e consumido no mundo inteiro. De 1990 a 1993, a sua produção e consumo respondeu por cerca de 32% do total de papéis. Em 1994, esse percentual baixou para 30%, quando foram produzidas 82 milhões de toneladas de papel de embalagem, num total de 269 milhões de toneladas de papéis em geral. Para 1995 estima-se que a produção mundial atinja cerca de 86 milhões de toneladas de papel de embalagem frente a 280 milhões t de papéis de todos os tipos.

Os principais países produtores de papel e também do tipo de embalagem são Estados Unidos e Japão. Em 1994, esses dois países responderam pela metade da produção mundial do papel de embalagem. Bem abaixo vieram Alemanha, França, Canadá e Suécia, com 4% cada. O Brasil, China, Coreia do Sul e Taiwan tiveram, cada um, participação de 3%, com produção no nível de 2 milhões de toneladas.

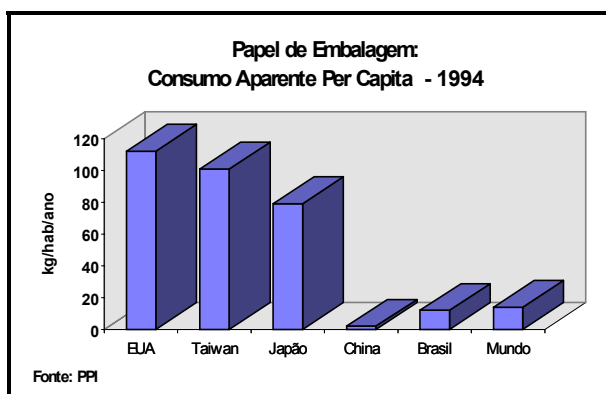


## Consumo Mundial

O consumo de papéis de embalagem costuma ser um “termômetro” para medição do grau de atividade econômica de um país, uma vez que está diretamente atrelado ao consumo de bens em geral, pois as mercadorias são embaladas ao serem comercializadas.

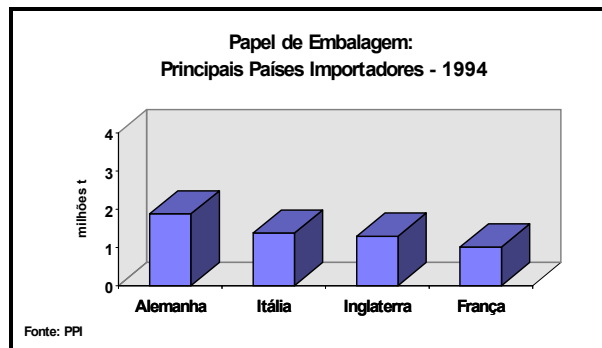
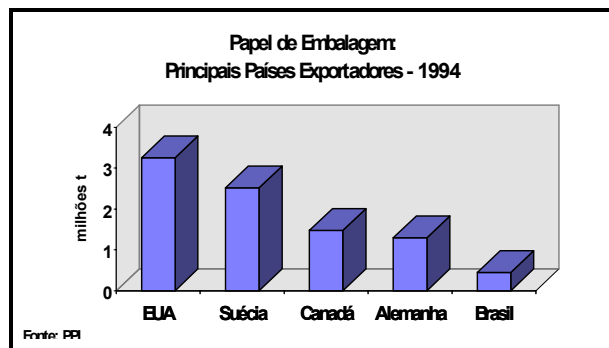
A taxa de crescimento do consumo mundial desse tipo de papel, para o período 1990/94, foi da ordem de 6,6%, evoluindo de 75,5 para 80,5 milhões de toneladas. Para 1995, com a continuidade do crescimento econômico, principalmente dos países asiáticos (exceto Japão), espera-se que a demanda mundial atinja 85 milhões de toneladas de papéis de embalagem, sendo 5,6% superior à de 1994.

Os dois principais países produtores de papel de embalagem são também os dois maiores consumidores, detendo 48% do consumo mundial. No entanto, o consumo *per capita* anual médio desses países é bem distinto: Estados Unidos - 112 kg e Japão - 79 kg. O segundo maior consumo *per capita*, entre esses dois países, encontra-se em Taiwan com 101 kg em 1994. Os demais países têm consumo *per capita* anual de papel de embalagem abaixo de 55 kg. A China, que possui mais de 1/5 da população do mundo, apresenta-se no patamar de apenas 2 kg/hab/ano, muito abaixo da média mundial, que é de 14 kg/hab/ano. O Brasil consome, em média, 12 kg/ano de papel de embalagem por habitante. Apesar do consumo *per capita* de Taiwan ser bastante alto, a sua produção e consumo são semelhantes aos do Brasil, alcançando, nos últimos anos, cerca de 2 milhões de toneladas de papel de embalagem por ano.



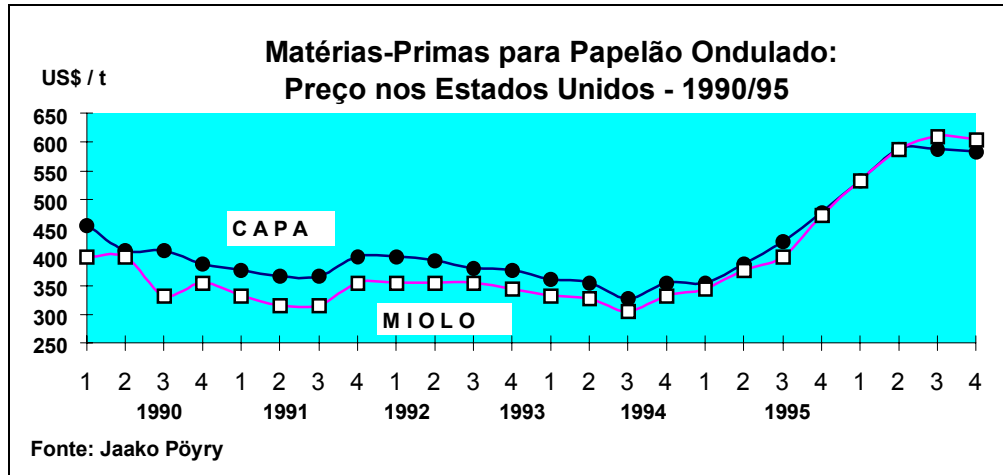
## Comércio Internacional

O comércio internacional de papel de embalagem tem nos Estados Unidos, Suécia, Canadá e Alemanha os maiores exportadores e na Alemanha, Itália, Inglaterra e França, os principais importadores. As exportações mundiais desse tipo de papel atingiram, em 1994, um volume de 15 milhões de toneladas ou 18% da respectiva produção. O Brasil contribuiu com exportações de 412 mil toneladas.

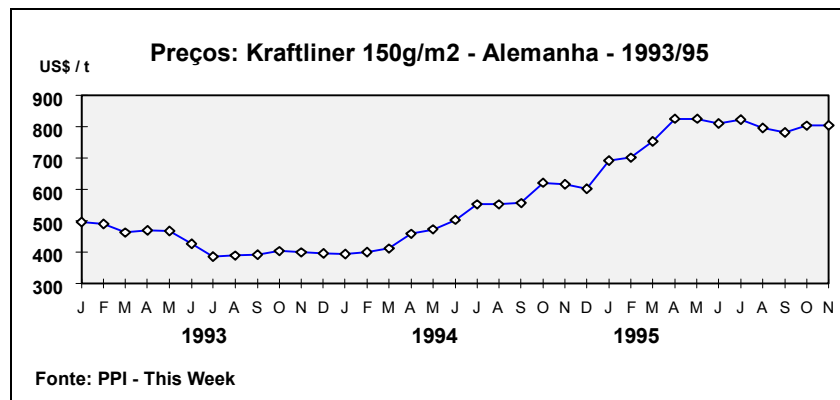


A crise por que passou o setor de papel e celulose afetou, sobremaneira, o segmento de embalagem. Os preços atingiram patamares baixíssimos no ano de 1993 e sua recuperação pôde ser notada principalmente no final de 1994 e em 1995. As empresas do setor, que apresentavam prejuízos até 1993, reverteram seus resultados para lucros.

Os preços praticados nos Estados Unidos (maior produtor e consumidor mundial), para os papéis de embalagem utilizados na fabricação de papelão ondulado (capa e miolo), são um bom exemplo do comportamento do mercado: entre o 3º trim/93 e o 3º trim/95, a subida dos preços foi, em média, de 86%, passando de cerca de US\$ 316/t para US\$ 588/t.



Após o período de férias no hemisfério norte, houve uma desaceleração na demanda por papéis em geral, restando as intenções de novos aumentos de preços, ocorrendo mesmo, em alguns tipos baseados em fibra reciclada, queda nas cotações. Os preços de papel *kraftliner* atualmente encontram-se estáveis na Europa e nos Estados Unidos.



## Perspectivas

Embora o enfraquecimento da demanda instalado nos últimos meses tenha restando o ritmo acelerado da subida dos preços, as perspectivas para os próximos dois anos são favoráveis ao setor. Nos Estados Unidos espera-se crescimento médio anual por volta de 2,5 %, entre 1996 e 1997 e, para a União Européia,

2% a.a. até o ano 2000. O mercado asiático, que registrou taxa de crescimento de 6,5 % a.a. entre 1990 e 1994, deverá continuar neste patamar nos próximos 2 anos. Cabe registrar que, excluindo-se o Japão, o crescimento de consumo no mercado asiático deverá ser de 8,5 % a.a. As importações da China deverão dobrar entre 1994 e 1998, alcançando, em 1998, volumes de 1 milhão de toneladas. Estima-se que, na virada do século, a China supere o Japão, tornando-se o 2º maior produtor e consumidor de papel em geral e, também, de produtos de papelão ondulado.

Em termos de oferta, novos projetos estão sendo anunciados, principalmente, nos Estados Unidos, Malásia e Indonésia. As taxas de ocupação das fábricas deverão situar-se entre 93% e 94%, mostrando um equilíbrio entre oferta e demanda, em particular para o tipo *kraftliner*. A média anual dos preços alcançada em 1995 para os papéis de embalagem deverá permanecer pelos próximos 2 anos, com uma ligeira queda em 1996 e recuperando-se em 1997.

## MERCADO NACIONAL

### Produção e Consumo

O Brasil é o oitavo produtor mundial de papel de embalagem e décimo primeiro no *rank* de papéis de todos os tipos.

O papel de embalagem é o papel mais produzido no país com uma fatia de, aproximadamente, 43% da produção ou 2,4 milhões de toneladas, para um total de 5,6 milhões de toneladas de papéis em 1994.

A produção é destinada para o mercado interno, principalmente para a fabricação de caixas de papelão ondulado e de sacos multifolhados. As exportações são utilizadas para compensar as flutuações da demanda nacional. Apesar disso, o Brasil já se apresenta como o quarto exportador mundial de *kraftliner*, com cerca de 342 mil toneladas exportadas em 1994. O nível de utilização da capacidade instalada deu, em 1994, um grande salto, reflexo do crescimento econômico verificado no Brasil.

### PAPEL DE EMBALAGEM: Brasil Principais Agregados - 1990/94

	mil toneladas				
	1990	1991	1992	1993	1994
Cap. Instalada	2.741	2.889	2.706	2.842	2.606
Produção	2.185	2.230	2.205	2.284	2.442
Importação	10	19	6	11	14
Exportação	366	443	451	412	412
Consumo Aparente	1.829	1.806	1.760	1.883	2.043
<b>Nível de Utilização (%)</b>	<b>79,7</b>	<b>77,2</b>	<b>81,5</b>	<b>80,4</b>	<b>93,7</b>

Fonte: ANFPC

Os papéis de embalagem são agrupados, no Brasil, em 19 tipos, entretanto, 4 deles concentram 86% da produção: **kraftliner** com 40,3%; **papel miolo** com 31%; **kraft para sacos multifolhados** com 10,3% e **papel capa de 2ª** com 4,5%. Deste modo, de acordo com o uso final do papel, costuma-se dividir a produção em três grandes grupos: papéis destinados à produção de papelão ondulado (capa de 1ª ou *kraftliner*, miolo e capa de 2ª); papéis utilizados para a fabricação de sacos e envelopes e aqueles de outros usos (embrulhos, tubetes etc).

Em 1994, a distribuição da produção de papéis de embalagem entre os três grupos referidos foi de 76% para o uso em papelão ondulado, 21% para confecção de sacos e 3% para os demais usos.

A forte concorrência entre produtos substitutos que caracteriza o mercado de embalagens fez-se sentir, ao longo das duas últimas décadas, com prejuízo para as embalagens de papel, notadamente no segmento de sacaria, onde hoje há predominância de sacos plásticos. Esse fato pode ser medido pela modificação ocorrida na distribuição dos papéis para embalagem entre os três grupos antes referidos: em 1971, os papéis para sacos e embrulhos correspondiam a cerca de 60% da produção. Espera-se que o apelo ecológico para utilização de fontes renováveis possa amenizar este quadro.

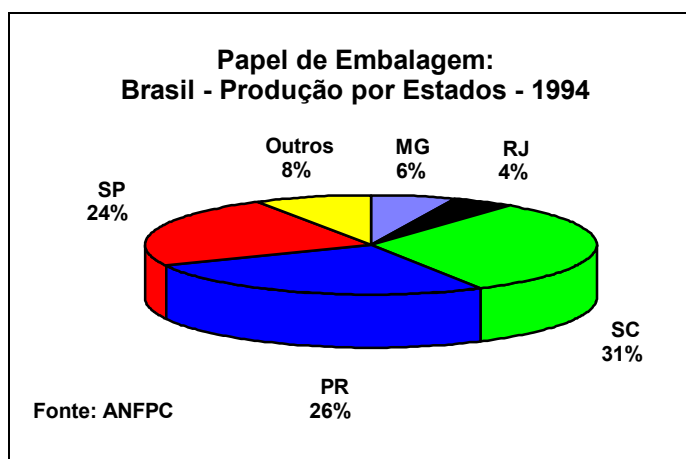
De acordo com a ANFPC - Associação Nacional de Fabricantes de Papel e Celulose, o segmento de papéis de embalagem é o que congrega o maior número de empresas, sendo esta pulverização devida ao uso de aparas e papel velho como matéria-prima: do total de 87 empresas produtoras deste segmento, 58 delas utilizam-se predominantemente de aparas. Entretanto, a produção do tipo *kraftliner* é concentrada em 4 empresas, uma vez que exige o uso de celulose de fibra longa como insumo principal.

**PAPEL DE EMBALAGEM: Brasil**  
**Produção por Tipo e Fabricante - 1994**

EMPRESA/GRUPO	KRAFTLINER	MIOLO/CAPA	OUTROS TIPOS	mil toneladas	
				TOTAL	%
Klabin	365	125	108	598	24
Igaras	243	58	6	307	13
Rigesa	176	73	-	249	10
Trombini	38	147	40	225	9
Outros	163	465	435	1.063	44
<b>Total</b>	<b>985</b>	<b>868</b>	<b>589</b>	<b>2.442</b>	<b>100</b>

Fonte: ANFPC

Em relação à distribuição geográfica da produção, os estados Santa Catarina, Paraná e São Paulo produziram 81% do total de papel de embalagem do País, sendo que os dois primeiros utilizam-se basicamente de fibras virgens e, em São Paulo, é intenso o uso de fibras recicladas. A produção do estado de Minas Gerais correspondeu a 6% e a do Rio de Janeiro foi de 4%.



A produção brasileira cresceu 7% entre jan-out/94 e jan-out/95. As vendas domésticas e o consumo próprio das empresas (para transformação em caixas), nesse mesmo período, cresceram, respectivamente, 5,8% e 8%, com reflexo nas exportações que caíram 22% (ou o equivalente a 83 mil toneladas a menos para o mercado externo).

As exportações brasileiras de papel de embalagem são, basicamente, de *kraftliner* e, do total de 412 mil toneladas alcançado em 1994, 70% foi efetuado pelos Grupos Klabin e Igaras, em igual proporção.

## Perspectivas

O crescimento do consumo aparente de papel de embalagem no Brasil foi de 3,2 % a.a., entre 1984 e 1994. Nesse mesmo período, a taxa de evolução do PIB ficou em 2,6 % a.a. Nos dois últimos anos, o consumo brasileiro aumentou significativamente apresentando incrementos de 7% e 8,5%, entre 1993 e 1992 e 1994 e 1993, respectivamente.

Tomando-se por base uma taxa média de crescimento de 5% a.a. sobre o consumo aparente verificado em 1994 (2.043 mil t), e mantendo-se constantes os volumes de produção e exportação verificados neste mesmo ano, as projeções obtidas para o período 1995/2000 (ainda que conservadoras) demonstram necessidade de novos investimentos no País.

### PAPEL DE EMBALAGEM: Brasil Projeção do Consumo Aparente - 1995/2000

	mil toneladas					
	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Consumo Aparente	2.145	2.252	2.365	2.483	2.607	2.738
Produção	2.442	2.442	2.442	2.442	2.442	2.442
Exportação	412	412	412	412	412	412
<b>Déficit</b>	<b>115</b>	<b>222</b>	<b>335</b>	<b>453</b>	<b>577</b>	<b>708</b>

Fonte: BNDES/Gerência Setorial de Papel e Celulose

Cabe ressaltar que os déficits apontados correspondem à uma média visto que, como já mencionado, existem 19 tipos de papéis de embalagem. De todo modo é evidente que, nos principais tipos, a capacidade instalada encontra-se próxima da plena utilização e, no tocante ao papel *kraftliner*, a demanda externa é crescente, representando para o Brasil uma excelente oportunidade de aumentar seu *market-share* através de investimentos em novas plantas.